

Estrutura e textura de texto dissertativo-argumentativo para alunos universitários e do Ensino Médio – um enfoque sistêmico-funcional

Structure and texture of argumentative essay text for high school and university students - a systemic-functional approach

Estructura y textura del ensayo argumentativo para alumnos de Bachillerato e de la universidad – un enfoque sistémico funcional

Sumiko Nishitani Ikeda
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Samuel da Silva
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Piedade Teodoro da Silva
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

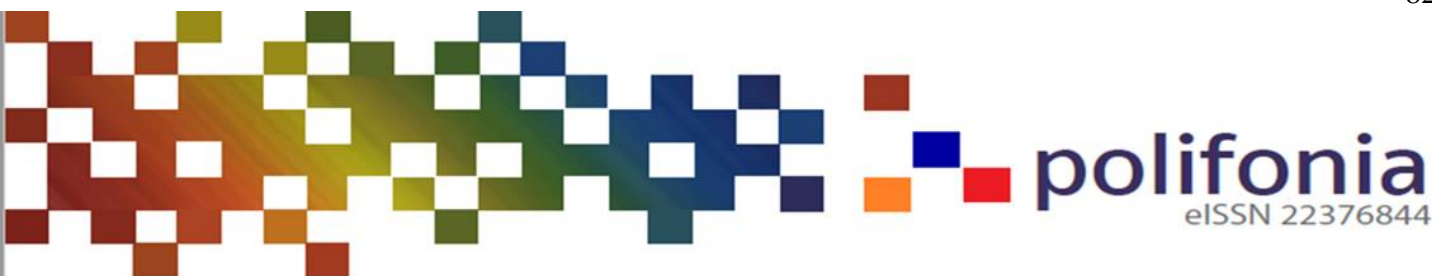
A dificuldade que a produção escrita representa para a maioria dos estudantes brasileiros está presente no discurso dos professores das mais diversas áreas. Para os vestibulandos à universidade, essa dificuldade recai na redação do texto dissertativo-argumentativo (TDA)¹, cujas partes integrantes incluem não só a estrutura geral e a linguagem, que passaram a exigir a obediência a certos requisitos, para a constituição do TDA, mas também a capacidade de arguir, discutir, avaliar com competência e persuasão. O objetivo deste artigo é a sugestão de uma diretriz para o ensino do TDA a alunos universitários e do Ensino Médio, com base em um diagnóstico em que examinamos as unidades de estrutura e de textura de TDAs da produção discente à luz da literatura recente. Essa diretriz poderia, segundo nossa experiência, fornecer aos professores recursos para guiar seus estudantes a escrever textos que satisfaçam as expectativas da audiência acadêmica. A pesquisa tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional – um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso.

Palavras-chave: texto dissertativo-argumentativo, unidades de estrutura e de textura, Linguística Sistêmico-Funcional.

Abstract

The difficulty that writing represents for the majority of Brazilian students is present in teachers' discourse from different areas. For college students about to enter university such difficulty lies in the writing of the argumentative-essay text (AET), whose integrating parts include not only general structure and language, which require conforming to certain rules concerning the AET, but also the ability to argue, discuss, evaluate competently and persuasively. The purpose of this article is the suggestion of a guideline for the teaching of AET to high school and university students, based on a diagnosis in which we examine the structure and texture units of AETs produced by students in the light of recent literature. This guideline could, in our experience, provide teachers with the resources to guide their students to writing texts that reach the expectations of the academic

¹ TDA ou texto dissertativo-argumentativo, também chamado de texto acadêmico, é o nome que empregaremos para o texto de redação de monografias, dissertação de mestrado, tese de doutorado, artigos científicos.



audience. The research is based on Systemic-Functional Linguistics – a multiperspective model, designed to give analysts complementary lenses for the interpretation of the language in use.

Keywords: argumentative-essay text, structure and texture units, Systemic-Functional Linguistics.

Resumen

La dificultad que representa la producción escrita para la mayoría de los estudiantes brasileños está presente en el discurso de profesores de diferentes áreas. A los estudiantes que pretenden ingresar a la universidad, esta dificultad se encuentra en la redacción del texto argumentativo (TA) [1], cuyas partes que lo integran incluyen no solamente la estructura general y el lenguaje, que exigen no solo obediencia a ciertos requisitos para la constitución del TA propiamente dicho, sino también la capacidad de argüir, discutir y evaluar de manera competente y persuasiva. El propósito de este artículo es proponer una directriz para la enseñanza del TA a alumnos de bachillerato y de la universidad, basada en un diagnóstico en el que examinamos las unidades de estructura y textura de TA producidos por alumnos de ese nivel a la luz de los estudios más recientes en el área. Esa directriz podría, según nuestra experiencia, proporcionar a los profesores los recursos para guiar a sus alumnos a escribir textos que correspondan a las expectativas de la audiencia académica. La investigación se basa en la lingüística sistémico-funcional, un modelo multiperspectivo, diseñado para brindar a los analistas lentes complementarias para la interpretación del lenguaje en uso.

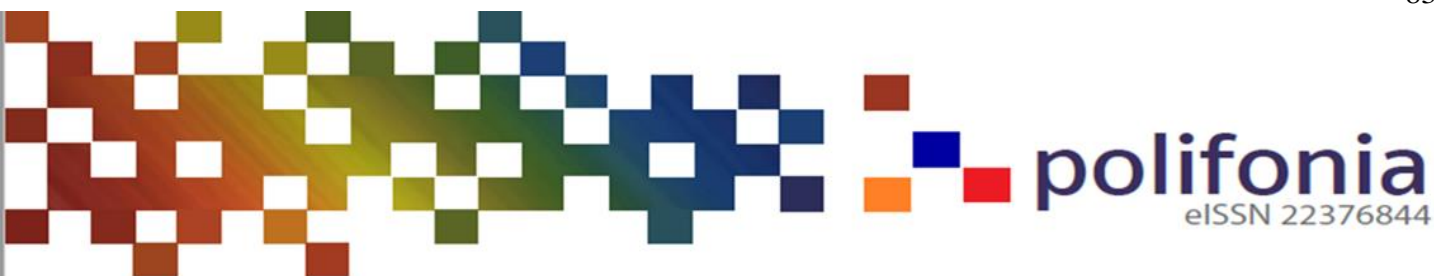
Palabras clave: ensayo argumentativo, estructura y unidades de textura, Lingüística sistémico-funcional.

1. Introdução

Os resultados pouco satisfatórios das provas de redação dos exames vestibulares do país levaram-nos a tentar entender os motivos que estariam na base do problema, direcionando as pesquisas que temos feito referentes à redação de diferentes gêneros para as redações do texto dissertativo-argumentativo (TDA), escritos por universitários e alunos do Ensino Médio. O nosso grupo ACLISF (Linguística Crítica e Linguística Sistémico-Funcional), do LAEL²/PUC-SP, cadastrado no CNPq, conta com professores experientes em correção de exames do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e da Ordem de Advogados do Brasil (OAB) e, nesse sentido, tem trabalhado no exame das características que marcam a escrita acadêmica.

A literatura sobre a questão mostra que o problema não é exclusivo da realidade brasileira, mas está presente também em outros países, tal como na Austrália, onde Lee (2008) tem pesquisado o assunto com referência ao texto acadêmico. Afirma a autora que a argumentação que se tece em torno de um problema é um dos tipos de tarefa mais frequentes

² LAEL: Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.



e importantes requisitados na universidade, embora acarrete aos discentes muita dificuldade em argumentar, discutir e avaliar de modo competente e persuasivo.

1.1. A situação no Brasil

Sobre o assunto em pauta, o Brasil também parece não fugir às dificuldades citadas por Lee, como se pode concluir pelos resultados dos exames de redação da OAB e do ENEM, por exemplo, que se têm mostrado, em geral, muito abaixo da média exigida. No exame do ENEM de 2014, mais de 500 mil candidatos receberam nota zero na redação enquanto outros nem a produziram, segundo o jornal *O Globo* (14.01.2015)³. A nota geral, em redação, foi de 470,8 pontos – ou seja, não atingiu a metade da nota máxima (1.000).

E a situação não tem mudado muito. O jornal *Folha de São Paulo* (18.01.2017) traz dados do ENEM de 2016: dos 6,1 milhões de estudantes que fizeram o exame, apenas 77 pessoas tiveram nota mil, a mais alta na redação do ENEM, conforme balanço divulgado pelo MEC. Ocorre que, de acordo com o MEC, a nota zero ou a anulação da redação impede o candidato de participar dos programas de seleção para vagas no ensino superior como o Sistema de Seleção Unificada (SISU). Diante dessa situação, afirma a secretária executiva do MEC Maria Helena Guimarães de Castro: "Há, claramente, um desempenho mais insuficiente em linguagens do que nas outras áreas, o que reforça o que as avaliações nacionais já indicam, que é a enorme dificuldade de leitura e escrita dos nossos alunos".

A título de ilustração, apresentamos a Tabela 1, que mostra os itens que causaram o fracasso dos candidatos nesse exame⁴.

Tabela 1 – Fatores que causaram a anulação da redação

Motivo da anulação	Número de candidatos
Fuga ao tema	217.339
Cópia de texto da coletânea	13.039
Texto com menos de 7 linhas	7.824

³ Título da reportagem: “Mais de meio milhão de estudantes tiram nota zero na redação do Enem”.

⁴ Não nos deteremos na análise de todos esses fatores, no presente artigo, deixando essa discussão para futuro trabalho.



Texto não dissertativo	4.444
Partes desconectadas	3.362
Fere direitos humanos	955
Outros motivos	1.508

Fonte: *Guia do Estudante*⁵ (fevereiro de 2017)

1.2. A dissertação-argumentativa

O estudo da linguagem tem privilegiado muito mais o sistema morfosintático do que o sistema semântico-pragmático, fato que impede a percepção de questões importantes que ocorrem na comunicação, interferindo no processo tanto do entendimento quanto da produção de um texto. A noção de leitura ativa requer a consideração não só do contexto situacional imediato, mas também do conhecimento de mundo – ou *frame* – que cada leitor traz na sua interação com o texto (BEDNAREK, 2005). Isso porque parte do que torna coerente um texto escrito está subjacente ao texto, está no discurso, que depende de processos interpretativos dos leitores.

No levantamento dos problemas que envolvem as redações de nossos discentes, constatam-se, entre outros, os seguintes fatores: (a) desconhecimento da literatura recente sobre a redação do TDA. Assim, por exemplo, há constituintes importantes presentes no texto acadêmico – como é o caso da nominalização e dos modos textuais – que não têm sido explorados e (b) desconhecimento de pesquisas que mostram as diferenças entre as sintaxes das modalidades oral e escrita⁶. O texto acadêmico evita a chamada “oralização”, ou seja, da introdução na escrita de construções lexicogramaticais mais adequadas ao discurso oral⁷.

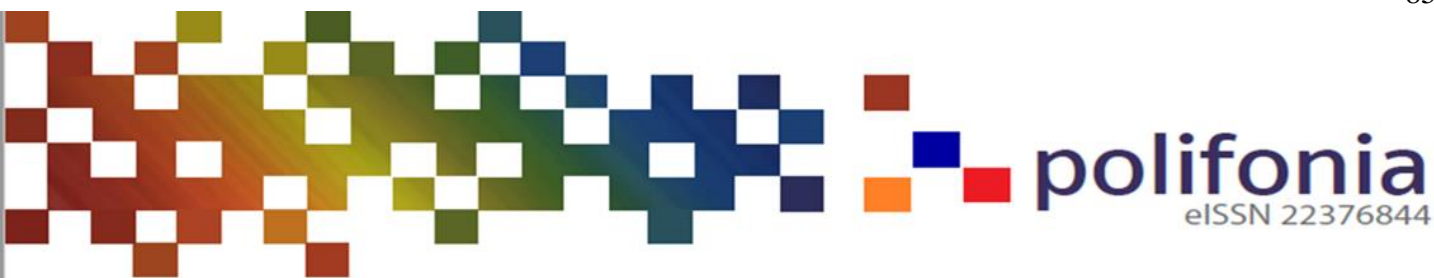
Para o exame das características do TDA, seguimos a proposta sistêmico-funcional de Hasan (1989)⁸, para quem a *unidade* é a característica mais importante de um texto, a

⁵ O *Guia do Estudante* é uma família de publicações da Editora Abril, que inclui apostilas de disciplinas no currículo brasileiro, revistas sobre vestibulares incluindo o ENEM e a FUVEST, e resumo sobre atualidades.

⁶ Exceção seja feita à excelente coletânea da *Gramática do Português Falado* organizada por Castilho (1990, 1992, 1993, 1996).

⁷ Veja exemplo em “A Família”, que analisaremos oportunamente.

⁸ Halliday, M.A.K.; Hasan, R. *Language, Context & Text – Aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford Univ. Press, 1989. O livro divide-se em duas partes: uma para Halliday e outra para Hasan, constando nas referências, no texto, ora o nome de um, ora no nome do outro.



característica que nos capacita distinguir um texto de um não-texto, um texto completo de um incompleto. A autora propõe dois tipos de unidade: (a) unidade de *estrutura* – em que examinamos a noção de gênero e (b) unidade de *textura* (em que enfocaremos a nominalização e os modos textuais).

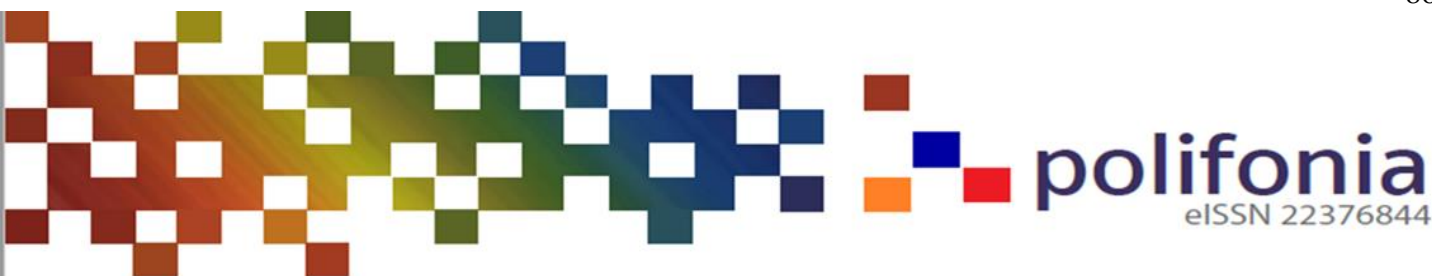
1.3. Objetivo da pesquisa

O objetivo deste artigo é a apresentação de um esquema para o ensino do TDA para alunos universitários e do Ensino Médio, envolvendo a unidade de estrutura e a unidade de textura.

1.4. Dados e apoio teórico

Os dados da pesquisa são os TDAs redigidos pelos referidos alunos para, à luz da literatura recente sobre a produção desse tipo de texto, mapear as zonas de desencontro entre as sugestões dessa literatura e a efetiva realização do TDA pelo discente. Esse diagnóstico deve permitir a elaboração de um enquadre que forneça aos professores recursos capazes de guiar os estudantes a escrever TDAs que satisfaçam as expectativas da audiência acadêmica em termos tanto de estrutura quanto de textura linguística.

Para tanto, o artigo tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994) bem como de outras teorias. Nesse sentido, a pesquisa, na esteira de Fowler (1991), Charteris-Black (2004) e de Kerbrat-Orecchioni (2004), leva em conta o fato de que o apoio teórico em pesquisa de linguística aplicada tende a ser eclético, empregando metodologia mista, “já que os mesmos recursos não são apropriados para descrever diferentes níveis e componentes da interação, sendo necessário o apelo a várias tradições descritivas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2004, p. 9).



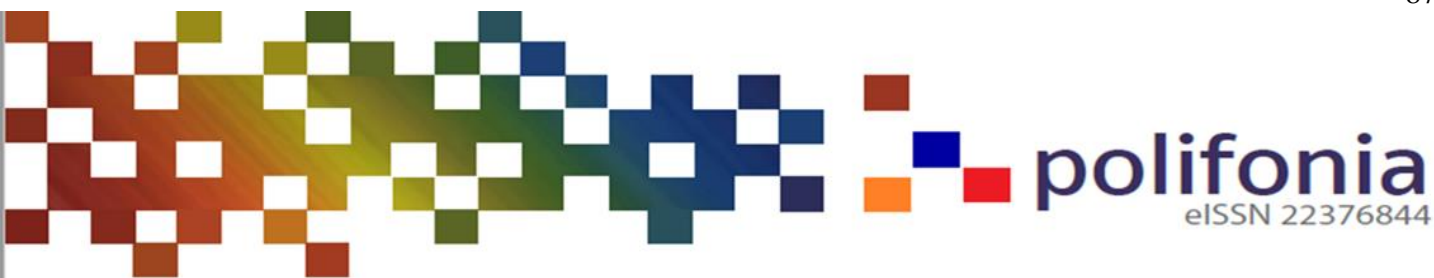
2. Fundamentação teórica

Apresentamos, a seguir, as teorias a que recorremos para a análise dos TDAs, que inclui a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) seguida de conceitos referentes à persuasão, após o que apresentamos: (a) unidade de estrutura (envolvendo o gênero) e (b) unidade de textura (envolvendo a nominalização e os modos textuais),

2.1. Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma proposta de Halliday (1994), tenta interpretar as funções da língua tanto como um código (o que a língua é) quanto como um comportamento (o que as pessoas fazem com a língua). Essas funções estão categorizadas sob três significados de ocorrência simultânea, ou metafunções: (i) a metafunção ideacional refere-se à informação; a metafunção interpessoal refere-se às interações pessoais e sociais com base no *mood* (como se desenvolve a interação) e na modalidade (como é percebida a interação); e a metafunção textual refere-se à construção do texto, envolvendo as citadas metafunções, dando textura ao texto para fazê-lo operacionalmente relevante (HALLIDAY, 1973; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Neste artigo, examinaremos, da perspectiva da LSF, as noções de gênero (MARTIN, 1992), metáfora gramatical, enfocando a nominalização (HALLIDAY, 1994) e, finalmente, as unidades de texto (HALLIDAY; HASAN, 1989). Além disso, duas questões são, em especial, importantes para a LSF: (a) a relação entre língua e contexto e (b) a noção de escolha. A relação entre língua e contexto é constitutiva. Não se pode conceber linguagem sem um contexto. Um se constrói pelo outro, contribuindo para o estabelecimento do discurso, na medida em que este envolve questões dependentes do compartilhamento de conhecimento de mundo entre escritor e leitor (HALLIDAY, 1994). Importante também para a LSF é a noção de escolha, assim explicado pelo autor: quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz, adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram.



2.1.1. Avaliatividade

Nesse contexto, Martin (2000) acrescenta à metafunção interpessoal o sistema de avaliatividade, abrangendo três subsistemas: “atitude” constituído de “afeto”, que trata da expressão de emoções (felicidade, medo, etc.); “julgamento”, que trata da avaliação moral (honestidade, generosidade, etc.) e “apreciação”, que trata da avaliação estética (sutileza, beleza, etc.) e envolve “avaliação social”, que se refere à avaliação positiva ou negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais.

Os constituintes da “atitude” podem, por meio da “gradação”, ter a intensidade da avaliação aumentada (muito agradável) ou diminuída (quase imperceptível), enquanto que por meio do “engajamento”, capacita o escritor a: (a) tomar uma posição radical, sem incluir a posição do interlocutor (Você deve estudar inglês.); ou (b) adotar uma posição que reconhece a diversidade de opiniões (Talvez fosse interessante você estudar inglês.).

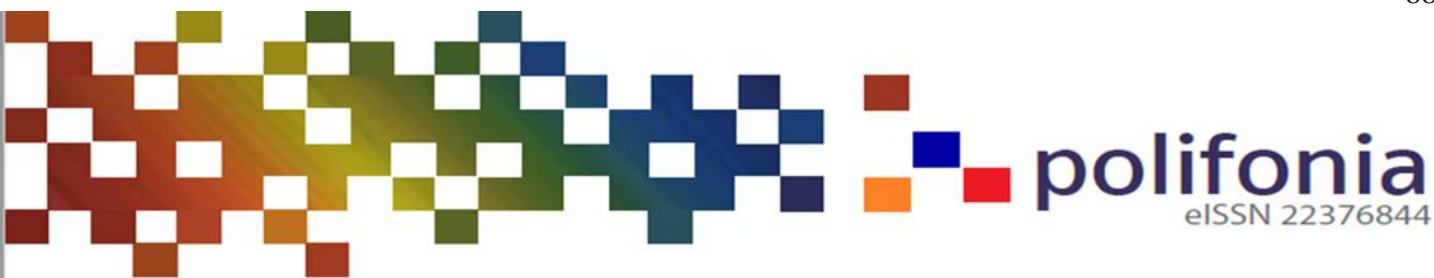
A avaliatividade pode ser explícita (*Felizmente*, o Brasil desafiou os EUA), [com avaliatividade de afeto]⁹ ou implícita (O Brasil desafiou os EUA) caso este em que ocorre um *token* de atitude, em que a avaliatividade – se positiva ou negativa - depende do contexto. Nesse processo, leva-se em consideração a construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve, fenômeno denominado de logogênese (HALLIDAY, 1992, 1993; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

A seguir, passamos a tratar da argumentação, que se tece para persuadir o leitor.

2.2. Argumentação e persuasão

Persuadir é saber gerenciar uma relação, é falar à emoção do outro, é construir algo no campo das ideias: quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize (ABREU, 2009). A persuasão envolve processos de convicção (trabalhando ao longo de linhas cognitivo-argumentativas) e de

⁹ Indicaremos com colchetes a análise da avaliatividade.



sedução (recorrendo ao lado emocional do leitor e cerceando a participação cognitiva no processo) (KITIS; MILAPIDES, 1997).

Esses instrumentos retóricos, empregados no nível interpessoal como veículos para recuperar, no nível do discurso, um argumento do “não-dito” (KITIS; MILAPIDES, 1997, p. 579), realizam o importante papel de estabelecer a coerência subjacente do texto. Tais instrumentos ajudam a transformar o discurso em uma sedutora *crypto*-argumentação, a argumentação que subjaz ao texto descritivo e narrativo, contribuindo assim para a construção geral da ideologia do texto, segundo Kitis e Milapides (1997) e Reynolds (2000).

Veja como o editorial da Folha de São Paulo de 22/04/00 (“O Quinto Centenário”)¹⁰, diante do fracasso dos festejos do “descobrimento” do Brasil, tenta convencer o leitor sobre a desnecessidade dessa comemoração, mesclando o modo narrativo com o seu argumento (“muito mais”) [com avaliatividade de graduação aumentada], que não faz parte da história do Brasil, em que se apoia o autor.

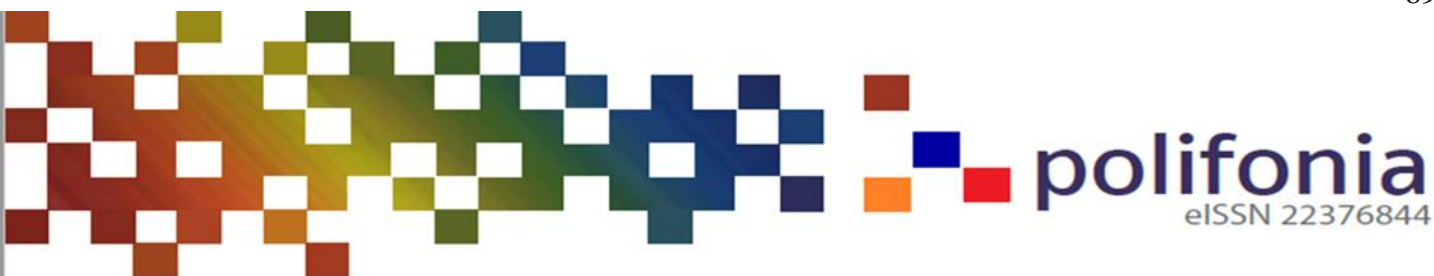
“Na época estavam os portugueses **muito mais** interessados nos lucros do comércio ultramarino de especiarias.”

2.2.1. A persuasão implícita

Latour e Woolgar (1979, p. 240) afirmam que “o resultado de uma persuasão retórica é que os participantes devem ser convencidos de que não foram convencidos”. Segue-se que a persuasão tende a ser altamente implícita, sem o recurso da linguagem avaliativa associada ao significado interpessoal, caso em que sua interpretação depende em grande parte do sistema de valores compartilhados.

Nesse sentido, a análise dos TDAs requer o apoio de noções tais como: *footing* ou alinhamento (GOFFMAN, 1979), o alinhamento, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção; *frame* discursivo (MINSKY, 1977), um fenômeno cognitivo, uma estrutura de conhecimento estocado na

¹⁰ Veja texto na íntegra no anexo.



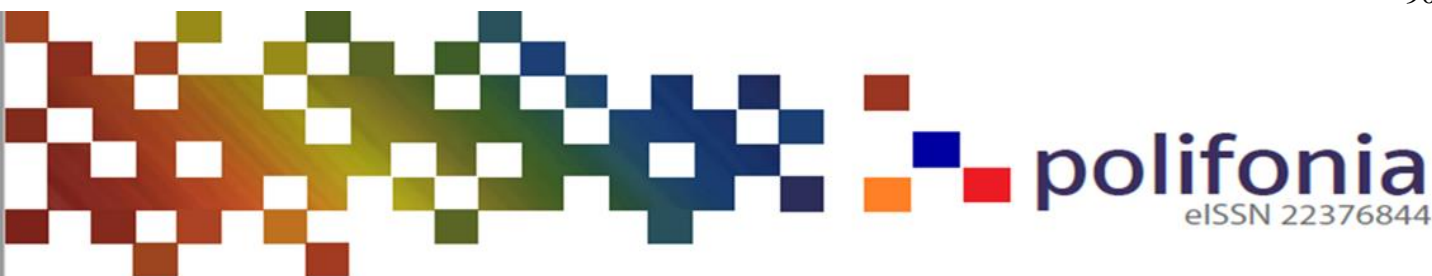
mente; e intersubjetividade (KÄRKKÄINEN, 2006), uma visão de avaliação mais dialógica, considerando-a mais como uma característica intersubjetiva do que subjetiva da língua.

No exemplo acima, o editorialista, ao narrar um fato conhecido e, portanto, presente no *frame* do leitor, tenta conseguir seu alinhamento na proposta do “não-descobrimento” do Brasil, para, assim, conjuntamente construir a argumentação do jornal. Esse tipo de persuasão implícita requer também a noção de intersubjetividade, pela qual o escritor, a fim de conseguir aderência à sua proposta, tenta prever o que o leitor tem em mente para não o confrontar diretamente.

Nesse contexto, Luchjenbroers e Aldridge (2007) tratam da persuasão, mostrando que a adequação do *frame* escolhido é muito importante para “contrabandear uma informação”, a inserção sub-reptícia de informação, com base no fato de que cada escolha lexical desencadearia uma rede ampla de associações, presentes no uso do termo escolhido. No mesmo exemplo, quando se diz “comércio ultramarino de especiarias”, está se dizendo também: “Índias”, “Oriente”, “distante do Brasil”, “o interesse português estava longe do Braasil”, “a rota de Cabral não incluía o continente americano”, vozes que apoiam o argumento do autor, e que nos trazem a noção de polifonia, a introdução de vozes, múltiplos pontos de vista, típica do discurso político e que pode ser efetivada com a atribuição a fontes distintas ou confusas, revelando algumas interações sutis por meio de vozes e argumentos implícitos (FLØTTUM, 2010).

2.3. As unidades de um texto

Hasan (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 52) propõe examinar com mais detalhe a definição de texto. Para ela, a “unidade” é a característica mais importante de um texto, já que ela nos capacita a distinguir um texto de um não texto, de um texto completo de um incompleto. Ela distingue dois tipos de unidade: unidade de “estrutura” (em que examinamos a noção de gênero) e unidade de “textura” (em que examinamos a nominalização e os modos textuais).



2.3.1. Unidade de estrutura: gênero¹¹

Para Bakhtin (2003, p. 261), “todos os campos da comunicação humana relacionam-se com a utilização da língua” e “cada campo elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, denominados *gêneros do discurso*”. Na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), Martin (1992, p. 25) oferece uma definição de gênero que permite sua operacionalização analítica: “gênero é uma atividade estruturada em *estágios*, orientada para uma *finalidade* na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura”. Esta definição apoiará a nossa análise dos TDAs.

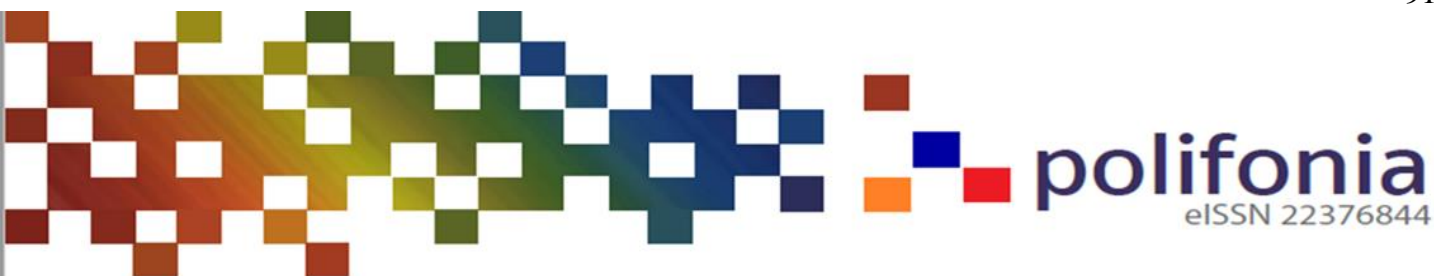
Com respeito ao TDA, embora alguns autores distingam “argumentação” de “dissertação”, os exames vestibulares do país, ao solicitarem dos candidatos a produção de textos dissertativos, esperam, na verdade – pela natureza polêmica dos temas – que o candidato produza um texto dissertativo-argumentativo, em que analise e discuta um problema, defenda seu ponto de vista e, às vezes, proponha soluções (CEREJA; MAGALHÃES, 2003).

Sobre o assunto, Porta (2002) faz algumas observações importantes para quem vai escrever um TDA. Dissertar somente sobre uma questão, sem apresentar um “problema” nem a “argumentação” em defesa de um ponto de vista, não constitui uma dissertação-argumentativa, diz ele. Certamente, continua o autor: “o *descrever* a experiência desempenha um papel importante; o que não pode é eliminar o problema enquanto tal” (PORTA, 2002, p. 28). “A tese pode se apresentar, de início, como uma hipótese que se confirma pela ulterior argumentação” (PORTA, 2002, p. 32). É aqui que os “argumentos” desempenham um papel essencial, legitimando a opção por uma determinada tese, continua Porta.

Em nossa análise do TDA, adotamos, para a unidade de estrutura, a proposta de Hoey (1994) denominada *Problema-Solução*, em três estágios: Situação – Problema – Solução, com acréscimos vindo das considerações de Porta, como mostra o Quadro 1¹², com exemplos para cada estágio.

¹¹ O TDA constituiria um gênero? Para Pilar (2002), o TDA do aluno não deixa de ser um gênero, mas, um subgênero do editorial, a que ela denomina de “gênero redação de vestibular”, o texto que tem a função de comprovar a competência do uso da língua do candidato aspirante à universidade.

¹² NOTA: Há outros esquemas genéricos para o TDA, mas, numa fase inicial, apoiemo-nos neste do Quadro 1.



Quadro 1 – Esquema Problema-Solução

Situação	São Paulo enfrenta longo período de seca.
Problema	A água começa a faltar.
Hipótese de Solução	Devemos todos enfrentar a crise hídrica.
Argumentos	(a) o governo estadual deve procurar recursos; (b) o povo deve pensar em meios de captação de água; (c) cada um deve restringir o uso da água para o essencial
Tese/Avaliação	A solução exige a contribuição de cada uma dessas áreas.

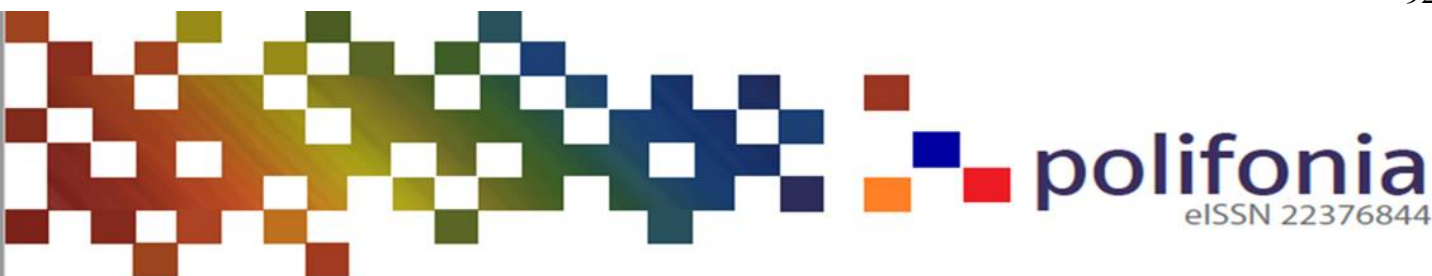
Fonte: Grupo ACLISF

Este esquema conscientiza o aluno a respeito dos estágios de uma argumentação, cujo preenchimento pode ajudá-lo a evitar a “fuga ao tema”, fator preponderante na reprovação de redações nos exames vestibulares, como mostrou a Tabela 1.

Vejamos, a seguir, o TDA, em 6 estágios, de uma aluna do Ensino Médio para um tema escolhido pela classe.

Quadro 2 - Gravidez, por que tão cedo?

(1) Por que ocorre a gravidez na adolescência? Qual seria o motivo desses acontecimentos que está cada vez mais frequente no Brasil atualmente. Esse fato ocorre pelo fato de haver pouco diálogo entre os adolescentes e os pais, e até mesmo entre os jovens.
(2) A falta de diálogo entre os pais e os adolescentes é uma grande causa, pois muitos adolescentes têm dúvidas sobre sexo, e têm vergonha ou os pais não falam sobre esse assunto. Assim, fica difícil de os adolescentes tirarem suas dúvidas essa é a causa de gravidez precoce.
(3) Outra causa é a falta de métodos anticoncepcionais, como a camisinha tanto feminina quanto masculina, anticoncepcionais etc. Além de aumentar as chances das adolescentes contraírem doenças sexualmente transmissíveis.
(4) A falta de palestras, orientações em escolas também é uma causa. Além disso uma adolescente de 13 ou 14 anos não estar preparada para engravidar, pois seu útero ainda não está formado, e há também os problemas emocionais e sociais, uma jovem dessa idade não está preparada para engravidar.



(5) Portanto, o pré-natal é importante para os adolescentes.

(6) Assim, ela estará cuidando melhor da saúde dela e da saúde do bebê. É fundamental o apoio dos adolescentes homens, participando de todo o processo e claro o diálogo entre os pais e os adolescentes.

No primeiro estágio, a aluna esboça rapidamente a Situação e aponta o Problema (a frequência da gravidez adolescente) e propõe sua hipótese de Solução: mais diálogo entre pais e filhos. No segundo estágio, ela inicia, corretamente, a Argumentação em favor dessa proposta, tratando dos motivos da falta de diálogo. Porém, no terceiro estágio, quando diz “outra causa é...”, foge ao tema “diálogo com os pais”, o que provoca incoerência na argumentação, enfraquecendo a sua força persuasiva. Muitos discentes não entendem que houve aí o fator “fuga ao tema”, pois argumentam que a questão dos “métodos anticoncepcionais” estaria ligada de alguma forma à gravidez precoce.

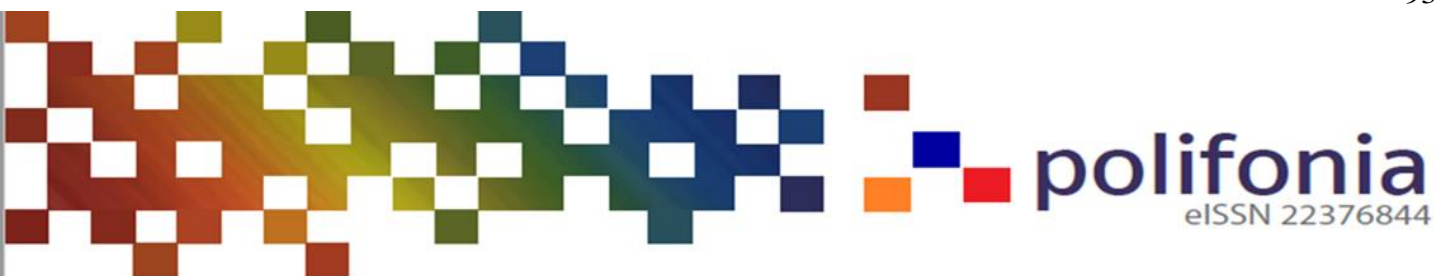
O que ocorre, porém, é que, uma vez citado o diálogo como hipótese de Solução, esses “métodos anticoncepcionais” não seriam “outra causa”, mas deveriam ser citados como consequência da falta de diálogo entre as duas gerações. Dessa forma, a autora do TDA fortaleceria a argumentação em favor da proposta, sem fugir ao tema.

Um outro problema que o Esquema Problema-Solução ajudaria a evitar pode ser evidenciado por uma redação em que o discente coloca todo o conteúdo do TDA já no primeiro estágio, conforme o Quadro 3 abaixo, o que, segundo ele mesmo declarou: “depois disso, fiquei sem assunto”. Talvez isso explique outro fator de reprovação no exame de redação: o “texto com menos de 7 linhas” (com 7.824 casos, como mostrou a Tabela 1).

Quadro 3 - Gravidez, por que tão cedo?

Os jovens do século XXI enfrentam problemas com relação à comunicação familiar. A falta de abertura para o diálogo em casa pode gerar graves problemas nos adolescentes. A fim de prevenir futuros empecilhos, pais e filhos devem manter uma relação de comunicabilidade aberta e liberal. Esta pode prevenir que meninos e meninas não sofram com dilemas sexuais, com o início da fase adulta e com questionamentos próprios da fase em que estão - adolescência. Dessa forma, a solução exige maior flexibilidade e maior liberdade de conversa sobre esses tópicos de cada um em casa.

Mas há muitas coisas a esclarecer nesse texto para construir a Situação. Assim, por exemplo, o leitor gostaria de saber o que o autor do texto tem em mente quando fala em



“jovens do século XXI”? E por que o século XXI? E por que enfrentariam problemas no seio familiar?

A Situação deveria apontar, por exemplo, as rápidas mudanças do mundo moderno; a liberdade de que desfrutam os adolescentes de hoje; a facilidade de comunicação via celular e outros artefatos, que estimulam uma relação mais íntima entre os adolescentes. São fatos vivenciados pelo adolescente e que poderiam integrar o texto.

Se a Situação não for delineada de forma a convencer o leitor de que há aí um Problema, não se justifica a elaboração de TDA. Como diz Porta (2002): “o que não pode é eliminar o problema enquanto tal”. Uma vez assim caracterizada a Situação, o Problema surge naturalmente: há dificuldade no relacionamento de pais e filhos, ambos frutos de contextos diferentes por conta das transformações naturais que acontecem na vida. Portanto, a hipótese de Solução poderia ser um diálogo franco entre pais e filhos, situação em que ambos os lados teriam condições de, sem constrangimentos, sem críticas, sem medos, entender a Situação e tentar resolver litígios improdutivos.

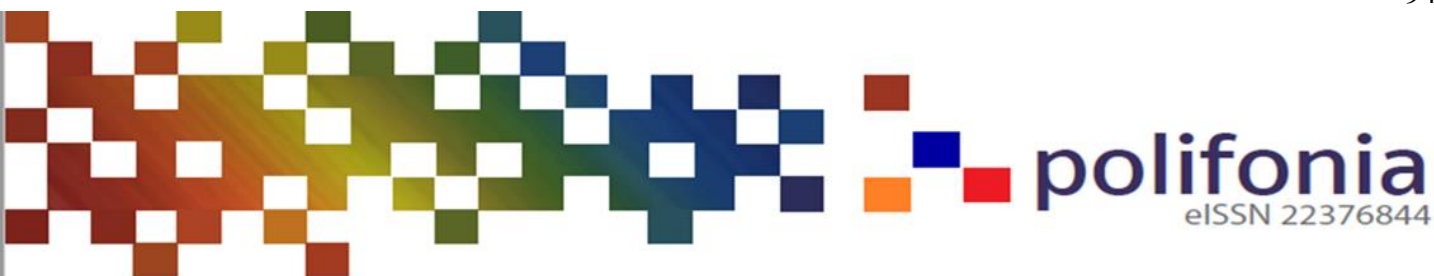
Finalmente, em termos lógicos, a argumentação coerente, calcada em fatos reais, validaria a hipótese de Solução proposta.

2.3.2 Unidade de textura: nominalização e modos textuais¹³

Damos início à apresentação de dois elementos que constituem o TDA e que não têm sido foco de muita investigação. No entanto, são características de textura inerentes e essenciais na conformação do TDA, ao atribuir concisão e formalidade requeridos pelo texto acadêmico. Nesse sentido, sabe-se que a linguagem, hoje, passou a exigir a obediência a certos requisitos, para a constituição de diferentes gêneros.

(a) Nominalização

¹³ Hasan (1989) trata da textura explorando os conceitos de coesão e coerência, fartamente tratados pela literatura especializada. Assim, em vez de discutir esses tópicos, decidimos trazer aqui as noções de nominalização e de modos textuais, que a nosso ver não têm sido foco de investigação até muito recentemente.



Segundo Halliday (1994), há uma realização, na lexicogramática, que será considerada congruente e outra, não congruente ou metafórica. O autor trata do que chama de “metáfora gramatical ideacional” – a nominalização de verbos e adjetivos – processo pelo qual padrões oracionais (p. ex.: *o álcool destrói*) são substituídos por sintagmas nominais – ou grupos nominais (segundo a LSF) (por exemplo, *destruição pelo álcool*).

Comparemos, a seguir, o texto (A), trecho de um editorial do jornal *Folha de São Paulo* e o texto (B), um texto alternativo envolvendo a mesma informação semântica, mas recorrendo a escolhas lexicogramaticais diferentes.

Quadro 4 – Comparação

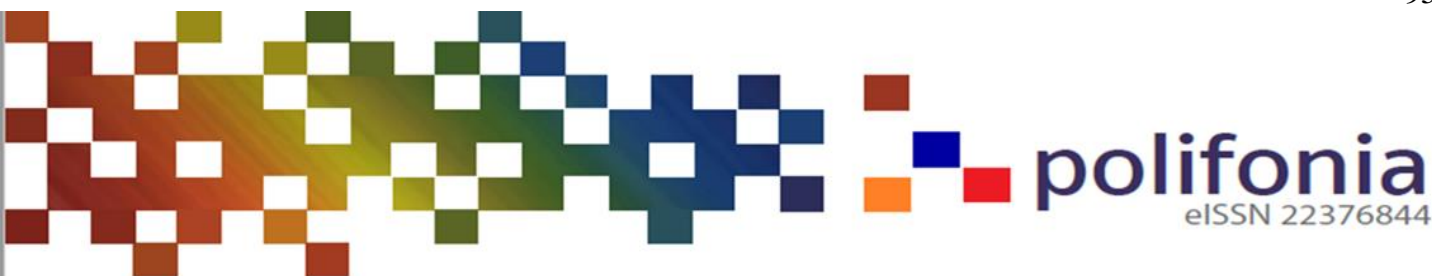
<p>TEXTO (A): A Petrobrás está reivindicando junto à Seplan um <i>reajuste</i> no <i>orçamento</i> de <i>investimentos</i> que permita a <i>ampliação</i> da <i>produção</i> de óleo cru para 500 mil barris diários até 1998.</p>
<p>TEXTO (B): Petrobrás, que produz óleo cru, pretende ampliar sua produção. A mesma quer ampliar essa produção para 500 mil barris diários até 1998. Para tanto, ela está reivindicando à Seplan que esta reajuste o seu orçamento de modo que aumente o investimento que tornará realidade tal projeto.</p>

O texto (A) recorre a várias nominalizações: “reajuste”, “orçamento”, “investimentos”, “ampliação” e “produção”, em lugar das orações correspondentes (ex.: X reajustou Y). Notemos que as nominalizações ocultam os sujeitos dos verbos, exigindo a sua recuperação para a compreensão do texto. O texto (A) é menos transparente e, por isso, pode dificultar o entendimento para o leigo no assunto. Mas é conciso, enxuto, “maduro” em termos sintáticos, graças à condensação de várias orações (reduzidas pela 5 nominalizações, em itálico) agora contidas em um único termo da oração, no caso, o objeto direto, como mostra o Quadro 5:

Quadro 5 – Termo da oração condensa orações

<p>Objeto Direto da oração (condensando cinco orações)</p>
<p>um <i>reajuste</i> no <i>orçamento</i> de <i>investimentos</i> que permita a <i>ampliação</i> da <i>produção</i> de óleo cru para 500 mil barris diários até 1998.</p>

Por que, recorremos a esse tipo de procedimento? Segundo Randaccio (2004), com base em Halliday (1994), a nominalização, ao mesmo tempo em que proporciona a concisão,



faz resultar a abstração teórica, tornando o texto mais complexo e, assim, distanciando o escritor em relação ao leitor, com vistas a se posicionar como um expert no assunto e, desse modo, poder tomar as rédeas na argumentação corrente. É, portanto, um elemento importante no processo persuasivo.

Vejamos, no texto “O Quinto Centenário” (íntegra no Anexo), como é notável a diferença de tons adotados entre o 1º e 2º. estágios desse texto em oposição ao 3º. Nos primeiros, o tom é de narrativa sobre assunto familiar (a chegada de Cabral etc.), que leva o *frame* do leitor a aderir ao argumento do editorial. Uma vez preparado o contexto, vemos surgir, no 3º. estágio, um tom subitamente autoritário, graças à expertise que adquire por meio de várias nominalizações – indicados entre colchetes – inexistentes nos dois primeiros estágios:

(3) A [exploração] efetiva das terras brasileira só começaria décadas depois, com o [aproveitamento] do fértil solo, especialmente da zona da mata nordestina, para a [plantação] da cana e a [produção] do açúcar destinado ao [abastecimento] do mercado europeu.

O que acontece, porém, é que mesmo na universidade há redações que deixam a desejar nesse sentido. No exercício feito em classes de 1º. ano de Letras, os alunos escolheram “um tema que fosse acessível a todos”, no caso, o tema “a família”, já que, segundo eles, um tema conhecido pela classe evitaria problemas que poderiam afetar questões estruturais e de textura da redação. Não houve, nessa etapa, a exigência quanto ao respeito aos estágios do gênero TDA.

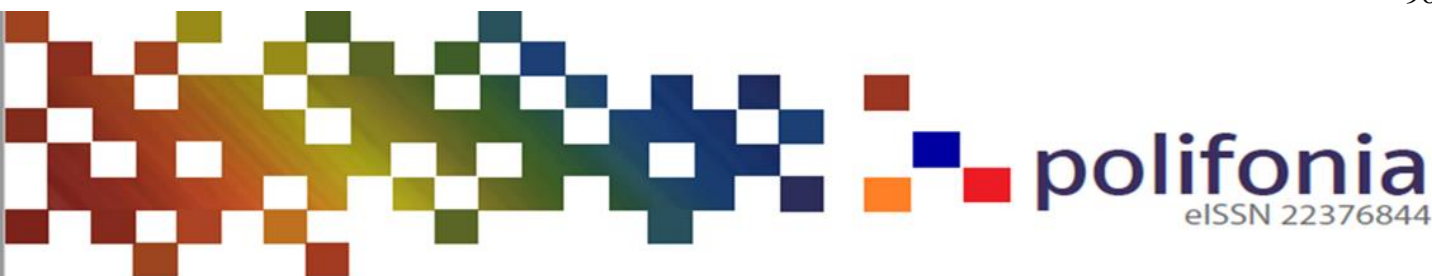
Quadro 6 - Dissertação (A): A FAMÍLIA

Ter uma família é essencial para qualquer pessoa no mundo. Pois podemos compartilhar as alegrias e tristezas com ela. Mas a família não tem só aspectos positivos. A parte mais difícil na família é o relacionamento, mas na verdade, qualquer tipo de relacionamento é difícil, seja em família ou entre amigos. Na minha família, por exemplo, eu e minha irmã somos consideradas inferiores às minhas duas outras primas, que são filhas do irmão mais velho do meu pai. Então, tudo o que é feito por elas é melhor, pode ser até a mesma coisa que eu e minha irmã fazemos, mas elas sempre são as melhores. Esse tratamento vem acontecendo desde quando éramos crianças.

Agora, por parte da família da minha mãe, é tranquilo. É claro que existem “*competições*” entre primos, mas isso é resolvido entre as pessoas envolvidas sem a interferência dos que estão de fora.

Mas apesar desses problemas de preferência, a família do meu pai é mais unida do que a da minha mãe. Sempre que tem algum problema os irmãos do meu pai se unem e resolvem problema. Já a família da minha mãe, um acaba empurrando outro.

Enfim, nada no mundo possui só o lado positivo, assim como a família.



VERBOS (há 31 verbos)

ter (3) - ser (18) - poder (2) - compartilhar (1) – considerar (1) - fazer (2) - vir (1) - acontecer (1) - existir (1) – resolver (1) - estar (1) - unir ((1) - resolver (1) - acabar (1) - empurrar (1) - possuir (1)

Quadro 7 - Dissertação (B): A FAMÍLIA

A família constitui um importante lugar de *compartilhamento* de *alegrias* e *tristezas*, apesar das *dificuldades* que esse *relacionamento* pode significar. O problema em casa sempre foi a nítida *preferência* de meu pai por nossas primas, filhas de seu irmão mais velho. Esta *inclinação* tendenciosa não acontece com a minha mãe, mesmo em situações competitivas, já que ela deixa a *resolução* do *conflito* para os próprios *participantes*.

Porém uma *característica* marca diferentemente as duas famílias: na de meu pai há maior *união* entre seus membros, fato que se verifica por exemplo, no *esforço* conjunto no *tratamento* de seus problemas, enquanto que na de minha mãe as pessoas procuram atribuir a *responsabilidade* ao outro.

VERBOS (Há 11 verbos)

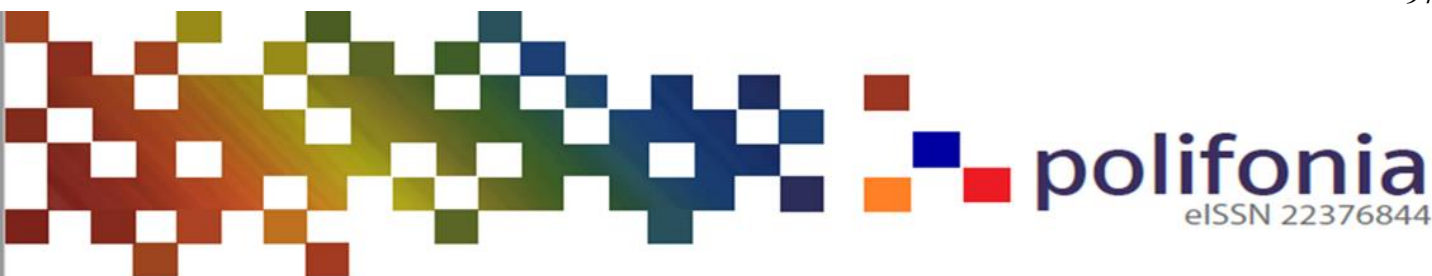
constituir (1) - poder (1) - significar (1) - ser (1) - acontecer (1) - deixar (1) - marcar (1) - haver (1) - verificar (1) - procurar (1) – atribuir (1)

No texto (A), a aluna comete repetições nem sempre necessárias, acolhe termos da modalidade oral, em um texto prolixo. O texto (B) é resultado de uma refacção, após explicações envolvendo, em especial, a noção de nominalização. Notemos a redução de verbos de (A) para (B), ou seja, de 31 para 11. Nesses 31, incluem-se verbos chamados “vicários”, como o “ser”, “ter”, “haver”, “fazer”, que poderiam ser substituídos por outros semanticamente mais específicos. Assim, em “A família não tem só aspectos positivos”, “tem” poderia ser substituído por “inclui”, “envolve” e assim por diante.

Entre (A) e (B), os alunos tenderam a preferiram o primeiro “por ser mais explicativo”, mas reconheceram que (B) é “mais formal”, porém “mais difícil de construir”.

(b) Modos textuais

Reynolds (2000) explica que a textura de um texto pode ser explicada em termos de apenas três modos textuais – narrativo, descritivo e argumentativo – que podem apresentar-se em fusão linear, um modo ao lado de outro, ou em fusão sobreposta, com mistura de modos, quando é difícil a distinção entre eles, prestando-se por isso à realização da persuasão implícita.



Em termos do modo textual, o editorial é predominantemente um modo argumentativo fundido com a narrativa e a descrição. A razão para tal fusão deriva da necessidade de apoiar o argumento - que trata de afirmações não-verificáveis - com a evidência proporcionada pela narrativa e pela descrição que tratam de afirmações verificáveis, explica Reynolds.

O exemplo seguinte mostra a atuação dos modos textuais. Trata-se de um editorial publicado na *Folha de São Paulo*, sobre o fracasso dos festejos em comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Dos 10 textos coletados sobre o fato, 9 faziam críticas ao governo, em especial à figura do ministro do Turismo, mas um deles ia contra essa maré, tentando persuadir o leitor de que as festividades não faziam sentido, já que, entre outros motivos, o Brasil não fora “descoberto”, pois já pertencia a Portugal pelo Tratado das Tordesilhas.

Os modos textuais estão assim indicados: narração (itálico), descrição (sublinhado), argumentação (negrito) e no caso de fusão sobreposta (dupla ou tripla marcação).

Aqui estão os dois primeiros estágios do editorial, já citados anteriormente, mas que agora reaparecem envolvidos por uma pluralidade de teorias¹⁴.

Quadro 8 – O quinto centenário
Editorial FSP 22/04/00

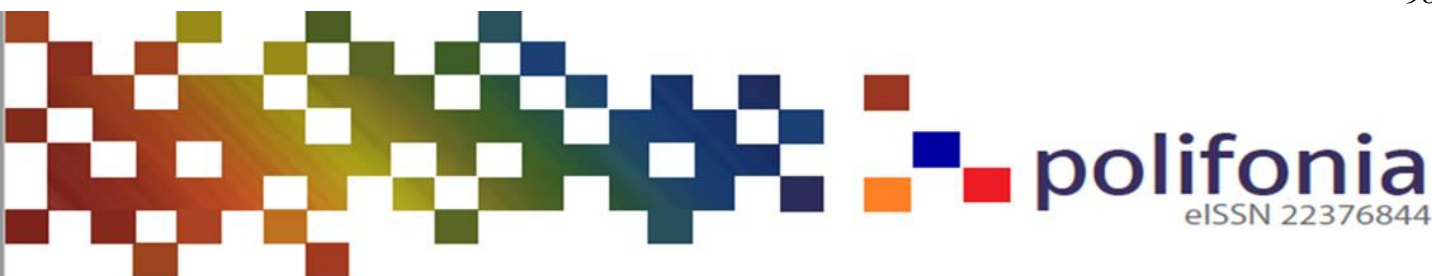
(1) Há 500 anos, a nau capitânia do navegador português Pedro Álvares Cabral aportava na região da atual cidade de Porto Seguro, Bahia. *Decerto* tratou-se do início de uma história *relevante*, a história do Brasil branco, *porque existe uma outra para ser contada a respeito dos vários povos indígenas que aqui habitavam desde remotos tempos.*

ANÁLISE: Notemos que o primeiro estágio se inicia com o modo narrativo (sublinhado), falando de fatos de conhecimento da maioria dos leitores brasileiros, num processo intersubjetivo, o que, segundo Fowler (1991), cria ambiente de conforto para o leitor. O fenômeno é conhecido como alinhamento (*footing*) do escritor com o leitor, que o faz mais propenso a aceitar as ideias do editorialista.

Feito isso, dá-se início à parte do modo argumentativo (em itálico com a inserção da opinião do jornal (em itálico): “decerto” (marcados como modalização de probabilidade) e “relevante” [de avaliação social positiva].. O final “porque existe [...]”, já encaminha a argumentação em direção da pouca credibilidade dos fatos celebrados pela “história dos brancos”, como é o do descobrimento do Brasil.

(2) *Na época estavam os portugueses muito mais interessados nos lucros do comércio ultramarino de especiarias. Dominavam uma rota alternativa de comércio, contornando o Cabo da Boa Esperança (extremo*

¹⁴ O texto analisado na íntegra deixa de ser apresentado aqui por motivo de limitação de espaço.
Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.44, p. 01-163, out.-dez., 2019.



sul da África) para chegar ao Oriente. Não foi *à toa* que a expedição de Cabral permaneceu nas terras brasileiras *apenas* alguns dias, para tomar posse efetiva de uma porção de terras que, pelo Tratado de Tordesilhas, pertencia aos portugueses. Foi *apenas* uma parada em uma viagem que tinha como destino Calicute, na Índia.

ANÁLISE: Continua o modo narrativo em fusão sobreposta com o argumentativo, trazendo fatos conhecidos do leitor. Notemos como o autor insiste em apontar terras longínquas em relação ao Brasil, com o intuito de mostrar que o interesse real da frota de Cabral não se encontrava em terras brasileiras. Assim, pouco a pouco, o editorial na noção conhecida como logogênese – a construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve e que está na base da coesão e da coerência do texto – procura persuadir o leitor em direção do “não descobrimento”.

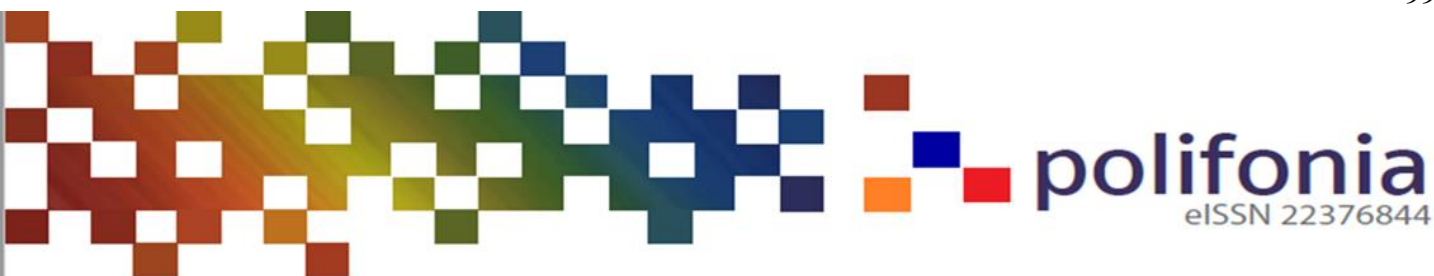
Vários trechos em modo argumentativo: “*muito mais interessados*” “*não foi à toa*”, “*apenas alguns dias*”, “*apenas uma parada*” [marcados com avaliatividade de graduação de força maior], denotam a falta de interesse de Portugal pelo Brasil (que já pertencia a Portugal, dispensando, portanto, seu descobrimento). Em resumo: não houve descobrimento e portanto, entende-se que não há motivos para festejos.

3. Considerações finais

A prova de redação nos exames vestibulares universitários – em geral, um texto dissertativo-argumentativo (TDA), texto mais utilizado nas universidades – constitui motivo de temor e angústia para grande parte dos candidatos. O fato não deve causar estranheza na medida em que essa é a única prova que se configura misteriosa, escapando de prognósticos racionais, enquanto as provas das demais disciplinas não fogem dos títulos anunciados pelas universidades.

Tendo essa situação em mente, tentamos examinar alguns dos itens que compõem um TDA e, com esses elementos, apresentar um esquema que pudesse ajudar os futuros vestibulandos a entender os requisitos que satisfazem as exigências do meio acadêmico e, assim, facilitar sua caminhada em direção à universidade. Nesse sentido, decidimo-nos a seguir uma proposta da literatura especializada no assunto, que aponta dois pontos essenciais na construção de um TDA: sua estrutura e sua textura.

A estrutura envolve os seguintes estágios esquemáticos do gênero TDA: apresentação da “situação” que envolve o “problema”, a “hipótese” de solução do problema, a “argumentação” em prol da hipótese, que, uma vez provada, transforma-se em “tese”. Essa sequência é um guia que ajuda o redator a evitar a fuga ao tema, além de ajudá-lo a

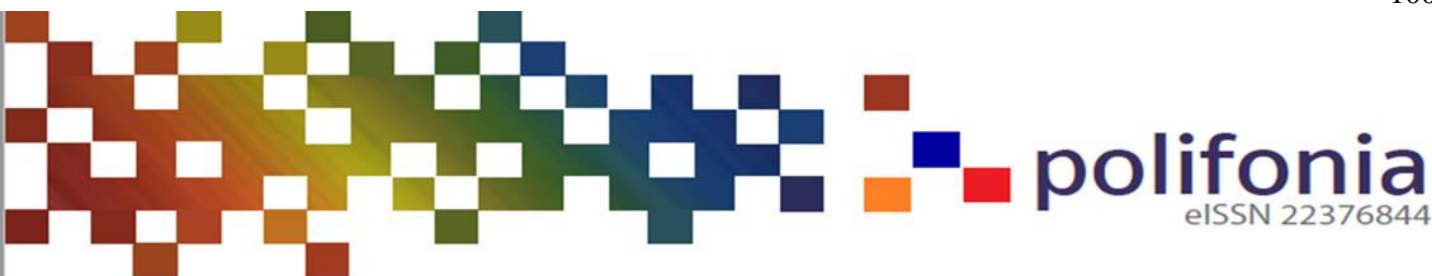


proporcionar coerência e consequente coesão ao texto. Ao preencher esses estágios, evitará redações de apenas algumas linhas ou com partes desconectadas, conforme mostram os resultados dos exames.

Por outro lado, a textura de um TDA universitário, exige uma linguagem formal, dando preferência a escolhas lexicogramaticais que privilegiem a nominalizações, evitem recursos vicários ou o uso de vocabulário mais apropriado ao discurso oral. A argumentação, por sua vez, recorre à narração e à descrição, envolvendo recursos implícitos de persuasão, como a avaliatividade chamada de *token*, cujo valor positivo ou negativo depende de contexto. Esses recursos retóricos têm a meta de conseguir o alinhamento do leitor em favor da proposta apresentada no texto, com o concurso de vozes sempre recorrendo ao seu *frame* no processo intersubjetivo de sondar o posicionamento do interlocutor.

Referências

- ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê, 2009.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins, Fontes, 2003.
- BEDNAREK, M. A. Frames revisited – the coherence-inducing functions of frames. *Journal of Pragmatics*, v. 37, n. 5, p. 685-706, 2005.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: Linguagens*. São Paulo: Atual, 2003.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. Londres: Palgrave Macmillan, 2004.
- FLØTTUM, K. EU discourse: polyphony and unclearness. *Journal of Pragmatics*, 42(2), p. 990-999, 2010.
- FOWLER, R. *Language in the news*. Londres: Routledge, 1991.
- GOFFMAN, E. Footing. *Semiotica*, 25, n.1/2, p. 1-30, 1979.
- GOFFMAN, E. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University Press, 1974.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.



HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the Functions of Language*. Londres: Edward Arnold, 1973.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to Functional Grammar*. Londres: Arnolds, 2004.

HOEY, M. Signaling in discourse: a Functional Analysis of a common discourse pattern in written and spoken English. In: COULTHARD, M. (Org.) *Advances in Written Text Analysis*. Londres: Routledge, 1994.

KÄRKKÄINEN, E. Stance taking in conversation: From subjectivity to intersubjectivity. *Text & Talk*, n. 26, n. 6, p. 699-731, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Introducing polylogue. *Journal of pragmatics*, v. 36, n. 9, p. 1-24, 2004.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. Read it and believe it: how metaphor constructs ideology in news discourse - A case study. *Journal of Pragmatics*, v. 28, p. 557-559, 1997.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *Laboratory Life*. Londres: Sage, 1979.

LEE, S. H. An integrative framework for the analyses of argumentative/persuasive essays from an interpersonal perspective. *Text & Talk*, v. 28, n. 2, p. 339-270, 2008.

LUCHJENBROERS, J.; ALDRIDGE, M. Conceptual manipulation by metaphors and frames: dealing with rape victims in legal discourse. *Text & Talk*, v. 27, n. 3, p. 339-359, 2007.

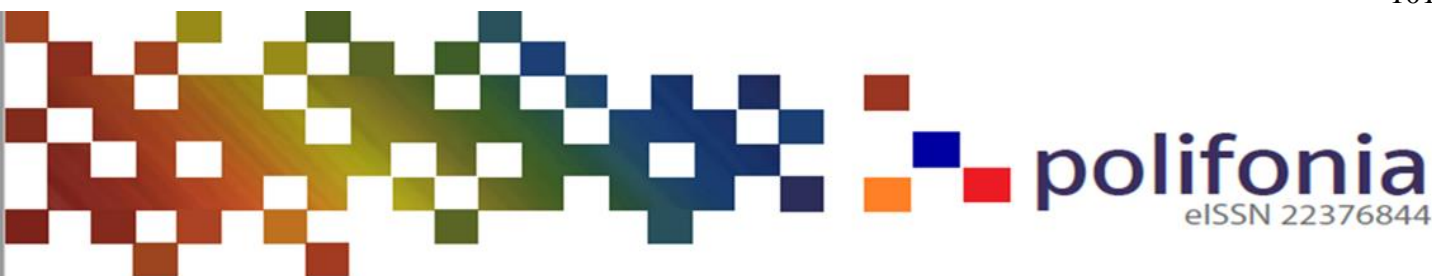
MARTIN, J. R. Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (org.) *Evaluation in Text: authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, J. R. *English Text: system and structure*. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

MINSKY, M. A Theory of Systemic Fragility. In: ALTMAN, E. I.; SAMETZ, A. W. (Org.) *Financial Crises: institutions and markets in a fragile environment*. Nova York: John Wiley and Sons, 1977.

PILAR, J. A redação de vestibular como gênero. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. São Paulo: EDUSP, 2002.

PORTA, M. A. G. *A Filosofia a partir de seus problemas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.



RANDACCIO, M. Language change in scientific discourse. *Journal of Science Communication*, v. 3, n. 2, p. 1-15, 2004.

REYNOLDS, M. The blending of narrative and argument in the generic texture of newspaper editorials. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 10, n. 1, p. 25-39, 2000.

Anexo

O QUINTO CENTENÁRIO

Editorial FSP 22/4/00

Há 500 anos, a nau capitânia do navegador português Pedro Álvares Cabral aportava na região da atual cidade de Porto Seguro, Bahia. Decerto tratou-se do início de uma história relevante, a história do Brasil branco, porque existe uma outra para ser contada a respeito dos vários povos indígenas que aqui habitavam desde remotos tempos.

Na época estavam os portugueses muito mais interessados nos lucros do comércio ultramarino de especiarias. Dominavam uma rota alternativa de comércio, contornando o Cabo da Boa Esperança (extremo sul da África) para chegar ao Oriente. Não foi à toa que a expedição de Cabral permaneceu nas terras brasileiras apenas alguns dias, para tomar posse efetiva de uma porção de terras que, pelo Tratado de Tordesilhas, pertencia aos portugueses. Foi apenas uma parada em uma viagem que tinha como destino Calicute, na Índia.

A exploração efetiva das terras brasileira só começaria décadas depois, com o aproveitamento do fértil solo, especialmente da zona da mata nordestina, para a plantação da cana e a produção do açúcar destinado ao abastecimento do mercado europeu. Mas não é preciso cobrar rigor historiográfico das comemorações que ocorrem na data de hoje sobre os 500 anos da chegada da frota do navegador português. Como a maioria das festas cívicas do gênero, ela fala muito mais do presente que do passado. E é esse presente histórico, o Brasil de 22 de abril do ano 2000, que é particularmente interessante.

Imagine-se o que seria uma comemoração dessas no regime militar ou no Estado Novo de Getúlio Vargas. Paradas nas ruas, garotos uniformizados cantando o "hino do Descobrimento", livros editados para louvar a beleza e as riquezas do Brasil. Enfim, uma sombria demonstração de força do governo de plantão, de tipo parecido com o que praticavam os regimes soviéticos ou com o que ocorre na China.

Em oposição a isso, o próprio aspecto de precária organização, com as devidas exceções, e mesmo de pouca importância dedicada pelo governo aos festejos - comandados por um inexpressivo ministro do Turismo - não deixa de ter seu ponto positivo. Os governantes parecem estar menos interessados em fazer valer pela força ou pela máquina de propaganda oficial a sua versão da história. A esse respeito, há um visível amadurecimento no comportamento dos mandatários, que deve ser creditado quase exclusivamente ao fato de se ter hoje uma democracia razoavelmente estabelecida neste país.

Também a democracia permite que estejam em Porto Seguro representantes de forças sociais que contestam vivamente a versão oficial para os 500 anos. Afinal, o que deveriam comemorar os descendentes dos povos indígenas, que foram sendo destruídos enquanto avançava a colonização? Por que engrossariam o coro oficial também os negros, cujos antepassados foram escravizados ao longo de 300 anos? Em nome de que festejariam os despossuídos?

Essas organizações estão em Porto Seguro colocando uma pitada de pimenta nos festejos e é absolutamente lícito que possam dar o seu recado sem constrangimento, desde que, como também é fundamental na cultura democrática, não se apele para a violência sob nenhum pretexto.

Os eventos de Seattle e de Washington, nos Estados Unidos, vão demonstrando que às vezes as discussões mais importantes e mais pertinentes sobre temas de interesse público têm lugar fora da agenda oficial dos grandes encontros. Ocorreu algo parecido na conferência sobre o meio ambiente, em 1992, no Rio de Janeiro, com seu fórum paralelo. Agora um acontecimento semelhante, embora numa escala menor, dá-se na Bahia. O dissenso, quando praticado dentro do que requer a democracia, sem violência, é sempre saudável para fazer com que os governantes ouçam mais a voz das ruas.